

Capoeira no Rio Grande do Sul e oralidade: a trajetória de um mestre

Ederson Alberto Teixeira Dornelles*
Silvana Vilodre Goellner**

A capoeira como hoje a conhecemos é fruto das constantes modificações que diferentes sujeitos e grupos sociais atribuíram a essa prática ao longo de sua existência. Sua importância para a construção da cultura brasileira foi reconhecida em 2008, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tombou-a como patrimônio cultural imaterial.

Se outrora essa prática foi proibida por estar associada à vadiagem e ao crime, hoje é facilmente vista nas ruas das cidades, integra a grade curricular dos cursos de graduação em educação física e é ensinada como luta ou como arte em academias e outros espaços de exercitação física. A capoeira ocupa ainda um espaço importante em produtos midiáticos e publicitários como representação de elemento constitutivo da identidade nacional.

Em que pesem esses diferentes sentidos e apropriações, na cultura da capoeira destaca-se a figura do mestre, considerado não apenas um formador de capoeiristas, mas, sobretudo, um guardião de sua tradição e história. Tal forma de tratamento tem origem nas artes de cunho folclórico e está associada à bagagem de conhecimento que frequentemente é transmitido e ensinado através da oralidade – o que confere um caráter popular e empírico ao aprendizado. A oralidade não é marca da capoeira apenas na sua dimensão

* Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

** Doutora em Educação. Professora associada da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte. Pesquisadora CNPq.

histórica, mas no seu próprio cotidiano: são escassos os registros de grupos, de práticas e transformações no seu fazer; essas informações são encontradas, em grande medida, somente nas vivências e memórias de quem a ela se dedica. Movidos por essa percepção, fizemos uma entrevista¹ com Jean Batista Cléber Teixeira Santos, o Mestre Churrasco, reconhecido no meio capoeirístico como um dos pioneiros dessa prática corporal no estado do Rio Grande do Sul.

A entrevista foi produzida para o trabalho de conclusão de curso de Ederson Dornelles e posteriormente cedida para o projeto *Garimpendo memórias: educação física, esporte, lazer e dança* (desenvolvido no Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), cuja fundamentação teórico-metodológica ancora-se na história oral.² Integra um conjunto de mais de 300 entrevistas com pessoas cuja história de vida está intimamente ligada com as práticas corporais e esportivas no Rio Grande do Sul e em outros estados do Brasil.³ Em função da extensão do relato, optamos por privilegiar aqui (assinalando eventuais supressões) os trechos nos quais o Mestre Churrasco narra as especificidades de sua trajetória, formação e atuação no universo cultural da capoeira. A versão completa da entrevista pode ser acessada no acervo do Centro de Memória do Esporte.⁴

Entrevista

Ederson Dornelles – Então, Mestre, conte-nos um pouco sobre a sua história de vida.

1 Entrevista realizada na cidade de Caxias do Sul no dia 11 de outubro de 2011 com duração aproximada de 1h30min. O roteiro e o processamento – transcrição, conferência de fidelidade, copidesque e pesquisa – são de responsabilidade dos autores. Realizada para a construção do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em educação física de Ederson Alberto Teixeira Dornelles, intitulado *Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho*, sob orientação de Silvana Vilodre Goellner. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39171>>.

2 Mais informações sobre o projeto podem ser acessadas no endereço: <<http://www.ufrgs.br/ceme/projPesq.php?acao=ver&cid=1>>.

3 As entrevistas estão disponíveis para consulta no acervo do Centro de Memória do Esporte. Podem ser acessadas no endereço: <<http://www.ufrgs.br/ceme/acervoEntrevistas.php>>.

4 Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55979/000857981.pdf?sequence=1>>.

Jean Batista Cléber Teixeira Santos – Bom, eu sou filho de Irene Teixeira Santos, que é minha mãe e que sempre me incentivou nessa arte de cultura africana, porque ela nasceu e cresceu numa região chamada Colônia Africana, que é Mont’Serrat⁵; e meu avô, inclusive, foi o fundador do primeiro salão de baile do Mont’Serrat. Depois de um tempo começou a crescer o Mont’Serrat e meu avô foi morar no bairro Vila Jardim. Aí na Vila Jardim meu avô fundou a primeira escola infantil, o primeiro salão de baile, a primeira associação de moradores, trabalhou com a comunidade muito tempo ali.

A minha mãe falava que quando eu era pequeno, eu gostava muito de cantar uma música e eu fui descobrir depois de muito tempo que era uma cantiga de capoeira. Começava assim: “Quando eu morrer me enterre na latinha”, mas era “na lapinha” na realidade, que é uma cantiga que tem de capoeira. Só que eu não fazia capoeira na época, minha mãe já tinha uma cantiga de capoeira na cabeça. E com o passar do tempo, de muito tempo, pra ajudar meus pais eu fui trabalhar como engraxate no centro de Porto Alegre, e a praça que mais rendia para trabalho, que era a Praça da Alfândega, Praça XV, tinha que disputar o território. Aquela criançada que já tinha um bom tempo ali, já trabalhando, que a tradição era brigar na mão, como tinha no centro, “mão na caixada” – a caixada era briga de caixa que os engraxates tinham lá. E eu chegando no centro da cidade inocentemente, não sabia que tinha que passar por essa prova pra poder trabalhar no centro da cidade. Cheguei no centro, tiraram a minha caixa, tiraram tudo, eu fui atrás e me disseram: “Não, pra ti recuperar o teu material tu vai ter que passar por esse pessoal”, que era a turma dos mais antigos que tinha lá, até me lembro: era o Vanderlei, tinha o Gão e outro pessoal, que eram os líderes lá. E as brigas eram marcadas na antiga Usina do Gasômetro; perto da década de 1970, tinha um matagal lá. Era marcada sempre de tardezinha e o pessoal ia pra lá e às vezes lá tinham que brigar com dois ou três. Era individual, nunca era gangue, era um por um, perdesse ou ganhasse. O pessoal então ficava olhando, sempre ficavam: “Ó, tu vai brigar com o fulano ali”. Se ganhava, tudo bem, e aí depois tinha já marcada outra briga com outro fulano, e assim se marcava mais umas três ou quatro brigas. Se conseguisse ganhar, tudo bem; se não conseguisse, não podia trabalhar no centro da cidade. Uns iam trabalhar lá pela Azenha, outros cantos, mas menos no centro da cidade. Eu consegui superar, consegui

5 Bairro de Porto Alegre que após 1988 abrigou muitos ex-escravos e suas famílias.

passar e consegui ficar no centro da cidade. Só que eu passei por várias dessas crianças, daqueles movimentos que tinha semelhantes à capoeira. Sempre na briga com eles, me davam muita rasteira, rasteira de pé, que chamava de capoeira. Dois gestos na mão e já um tombo, e eu não entendia muito. Aquilo já eram os princípios da capoeira, que aquela criançada ali estava sempre na beira do porto observando os estivadores, o pessoal ali e havia muita conversa sobre capoeira e tinha um pessoal da Marinha que seguidamente estava ali em Porto Alegre, aí descia a rua Voluntários da Pátria e ali havia grande confusão entre marinheiros e o pessoal da zona de meretrício, os gigolôs daquelas mulheres. E sempre os marinheiros levavam vantagem por causa das rasteiras, davam muitas rasteiras e o pessoal chamava aquilo de capoeira. “O fulano deu uma capoeira no fulano”, até hoje se fala, “deu uma rasteira”, “deu uma capoeira”. E a criançada ali do centro observou aqueles movimentos e acrescentou na briga deles – e ficou.

Depois de um tempo eu também adotei aquele sistema e fiquei ali pelo centro, só que me aconteceu uma vez de eu estar na beira do cais, sentado – seguido eu ia olhar os navios, olhar os barcos ali perto de uma praça –, eu vi ali um movimento – tinha uma praça onde sempre ficava o pessoal que trabalha no porto, sentado ali; eu vi dois homens, até me lembro hoje que aquilo era o pião de mão,⁶ fazendo aquele movimento e passando a perna pra lá e pra cá, mas ninguém estava derrubando ninguém, só estavam fazendo movimentos acrobáticos. Eu olhei e falei: “Bah, mas o que é aquilo ali, tchê?” Mas não tinha berimbau, eram só uns batendo palma. E eu: “Que é aquilo ali?”; e me falavam: “Aquilo ali é capoeira”. E eu: “Mas capoeira não é aquilo que a gente faz?” – “Não, aquilo ali que é capoeira”. Aí eu saí dali encucado e procurando, vai que eu mentalizasse aquilo ali tentando imitar, fazendo igual, fiquei com aquilo na cabeça. Dois anos depois foi onde surgiu o meu mestre, o Mestre Cal Henry Xavier. A primeira coisa que eu fiz foi me inscrever pra treinar a tal de capoeira. Eu engraxava, fui lá paguei a minha mensalidade direitinho; primeiro dia de aula, uma emoção, daí chegou o Cal: “É, agora tem que arranjar uma calça branca”. Aí comecei a treinar, comecei a treinar com o Cal, treinei dois anos. Depois de dois anos, teve o batizado de capoeira, nem sabia que tinha isso na capoeira. Cheguei e disseram: “Ah, vai ter o batizado”, e eu: “Batizado, que é isso?” – pra mim batizado era coisa de igreja. Como

6 Gesto da capoeira no qual o praticante faz um giro de pernas para o ar com o apoio único em uma das mãos.

era pequeno, ninguém perguntava, só ouvia e não perguntava nada. Foi no final do ano, tinha que arrumar uma madrinha, não sabia quem, aí convidei a minha mãe: “A senhora quer ser minha madrinha?”; a mãe também não sabia: “O que eu tenho que fazer, como que se faz um batizado de capoeira?” – nem a mãe não sabia como que era.

O batizado era bem estranho, tinha que levar uma vela branca. “Esse negócio aí será que é coisa de religião, tem que levar uma vela pra batizar?”; e falei: “Bom, vamos lá ver como que é”. Chegando no batizado, estavam várias mães de santo lá, lembro que tinha a mãezinha da Bahia, o Mestre Vadinho,⁷ tinha o Mestre Baiano, que era um dos maiores tocadores de berimbau da época, Mestre Monsueto,⁸ muito bom capoeira; tinha outros mestres. Até foi no Clube Rui Barbosa, a primeira academia de artes marciais. Durou muito tempo ali, saíram bons lutadores. Era tipo um centro de artes marciais, tinha capoeira, luta greco-romana, tinha várias coisas. Aí teve o tal de batizado lá. Joguei, joguei, aí deu uma tontura em mim lá, caí, depois levantei de novo. E recebi naquela época o ojá⁹ vermelho – que o meu mestre dava o tal de ojá, não era o cordel, era o ojá vermelho e um gorrinho vermelho, que era a graduação do meu mestre. Era até uma graduação estranha. Depois eu perguntei lá na Bahia: “Pô, que graduação é essa?”, porque nunca tinha visto uma graduação daquela ali. “Ah, esses batizados se faz muito em Cachoeira de São Félix” – lá pra aqueles lados de Santo Amaro, interior da Bahia, tinha, eram feitos antigamente.

Passou, depois daí o mestre deu aula uns tempos. Aí depois o mestre decidiu parar com a capoeira – porque ele não vivia de capoeira, tinha outros compromissos – e disse: “Vou parar”; disse que queria viajar pra outros lugares. Mas ele falava muito pra mim sobre o Zumbi dos Palmares, e eu, naquela época um piá, nem ia imaginar quem era Zumbi dos Palmares, só ouvia dele. Depois de um tempo eu comecei a pesquisar: “Ah, Zumbi foi um líder” – eu não tinha o meu grupo ainda. E eu com uma vontade, e sempre com a capoeira na cabeça, louco pra praticar. Nos fundos da minha casa tinha um pátio grande, tinha muito mato naquela região, por isso era chamado de “mato do Sampaio”, porque tinha muito mato. Não tinha Bom Jesus, era mato do Sampaio.

7 Eivaldo Freitas dos Santos.

8 Ananilson de Souza.

9 Tipo de turbante usado na cabeça.

Tinha um monte de taquaireiras, pegamos e fizemos um galpão atrás de casa de taquaireiras, fechamos em cima com folhas de butiazeiro, chão batido, e ali comecei a ensinar primeiro aos meus irmãos, que eram o Barceleni, que está na Bélgica agora; tinha o Tinga, que agora é pastor da Assembleia de Deus; tinha o Juarez, é meu irmão de criação que depois virou pastor, mas jogava capoeira também. Tinha o Tubarão, Ivonei, Silvinho, Ricardinho, uma turma muito grande. E ali eu comecei a ensinar, até para eu treinar, mesmo.

Eu estudava de manhã, trabalhava à tarde, chegava pelas cinco, seis horas em casa e a nossa capoeira começava lá pelas sete horas. Na sexta-feira e no sábado eram duas horas da manhã e nós estava jogando capoeira, às vezes amanhecia. Às vezes o pai fazia uma sopa, um sopão, alguma coisa, e nós virava a noite jogando capoeira. E ali começou a ideia de formar um grupo: “Vamos formar um grupo, botar um nome nesse grupo”. Era um grupo, tinha uma turminha que nós já estava apresentando ali no bairro mesmo, em algumas escolas, dentro da área. Fazia a roda de rua no bairro, porque a gente treinava nos fundos de casa e nos finais de semana nós ia lá pra esquina na entrada da vila, pra mostrar a nossa capoeira, e as rodas divulgavam a capoeira dentro do bairro, ali. E enchia de gente pra olhar a capoeira. Tinha até algumas mulheres que tocavam atabaque pra nós; não eram capoeiristas, mas tocavam. Tocavam berimbau, depois eu fui ensinando o pessoal a tocar. Decidimos pelo nome do grupo de Grupo Zumbi dos Palmares. Aí nós já queria expandir a imagem, queria mostrar o nosso trabalho mais longe. Fomos uma vez fazer uma roda na Redenção,¹⁰ fizemos lá perto do chafariz. Encheu de gente: “Ó, o negócio é bom! Vamos fazer outra no outro domingo?” – “Vamos”. Só que a gente não tinha uniforme, a gente ia de qualquer jeito. Aí eu falei: “Vamos fazer uns uniformes?”; o mestre falou: “Bom, capoeira é camiseta branca, calça branca”. Fizemos a calça – fizemos não, cada um arrumou uma calça branca. A questão da camiseta, nós queria colocar o nome do grupo. Até tenho algumas fotos que ainda tem o brasão do meu antigo grupo. Aí desenhei o logotipo e todas as camisetas eram pintadas à mão por mim. Eu desenhava à caneta, depois pegava tinta de tecido, colocava “Grupo Zumbi”; era um atabaque no meio, dois braços saindo do atabaque, segurando dois berimbaus. De um lado tinha um pau de maculelê e do outro lado um facão e uma corrente quebrada embaixo. Esse era o símbolo, que até hoje continua. Aí começamos a

10 Nome popular atribuído ao Parque Farroupilha, em Porto Alegre.

fazer as rodas de domingo na Redenção, ali mesmo começou a vir pessoas de outros bairros perguntar onde nós dava aula: “Olha, a gente dá aula na Bom Jesus” – “Vocês não querem fazer esse trabalho em outro lugar?”; arrumamos um espaço no Morro da Cruz, fizemos um trabalho lá. Depois, começamos no CEGEB, que era o Centro Comunitário George Black, lá da vila Media-neira. Aí um aluno meu, que treinava na Maria da Conceição – ali também fizemos um trabalho –, esse aluno foi morar em Guaíba e levou o trabalho para Guaíba. Antes eu tinha outro aluno chamado Juarez em Guaíba, que já deu aula antes dele lá.

Até saiu na Zero Hora¹¹ naquela época o nosso trabalho, primeiro grupo de capoeira a registrar. Foi uma página inteira, saiu na primeira página do jornal e uma página no meio falando sobre a história da capoeira e falando sobre o Grupo Zumbi, como começou.

Começamos a roda de capoeira todos os domingos ali. E começou a levantar uma polêmica, naquela época tinha poucos mestres de capoeira em Porto Alegre. Não passavam de cinco, tinha três mestres na cidade naquela época. Era no final da década de 1970 para 1980. Lembro que tinha o Mestre Cal, depois veio o Mestre Índio,¹² depois o Monsueto, depois Cerqueira,¹³ depois Paulinho.¹⁴ Aí depois o Ferro-Velho,¹⁵ antes passou outro que eu esqueci o nome, foram muitas passagens. Passou outros capoeiristas, mas nenhum ficou com o trabalho na cidade. E tinha um baiano, esse aí que tinha banca de berimbau na volta da praia, ficou muito tempo; mas ele vendia berimbau, então eu comprei vários berimbaus dele. Depois a gente começou a expandir mais, começamos a fazer roda nas festas de largo. Primeiro a levar a capoeira pra frente da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, o Mestre falava: “As rodas de tradição na frente da igreja”.

Falava da igreja do Bom Fim, meus tios são frequentadores antigos, minha mãe, meu pai. Uma vez nós fomos com o pai na Navegantes:¹⁶ “Vamos fazer uma roda de capoeira aqui!”; o pai que incentivou: “Bah, guri, vamos jogar uma capoeira aqui?” – aí não tinha berimbau, era palma mesmo, e juntou

11 Jornal diário publicado em Porto Alegre.

12 Manoel Olímpio de Souza.

13 Edson Cerqueira Frias.

14 Paulo Cavalcanti de Oliveira.

15 Israel de Paula Pires.

16 Referência à Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, comemorada no dia 2 de fevereiro.

gente: “Vamos fazer uma roda aqui com instrumento, na próxima vez nós viemos todos”. Aí permaneceu e nunca mais parou. Deu muita confusão lá, porque era uma festa de largo, então tinha muita gente que bebia, às vezes entravam no meio da roda pra atrapalhar, e a gente era piá, o mais velho era eu, tinha uns 16, 17 anos. Eu não sabia lidar com o público ainda, então, a gente levava na briga mesmo, e resolvia tudo na pancadaria. Teve uma época em que fizemos uma roda no carnaval, todo mundo vestido de mulher. Todo mundo de saia, até tinha um negão chamado Renato, um negão grandão, comprido, colocou um baita de um vestido, uma peruca. Até um amigo meu disse: “Mas o que é aquilo ali? Aquele monte de negão andando pelado!”; todo mundo de vestido, de saia e dando-lhe pernada – no tempo em que o carnaval era ali no final da rua Borges de Medeiros. Estava chovendo, então, foi todo mundo lá pra baixo daquele viaduto e ali o “pé comendo”. E o pessoal: “Será que é mulher?” – e um monte de negão com perna cabeluda, uns barbudos. Fizemos aquela roda ali.

Depois saímos em escola de samba, primeiro a sair em escola de samba. Saí em várias escolas de samba com a capoeira. Saímos na Copacabana, primeira que saímos que era do nosso bairro Bom Jesus. Depois saímos na Praiana, Acadêmicos, Embaixadores, Imperadores, para todas as escolas nós levamos a capoeira. Depois começamos a sair desse meio e começamos a tentar ir para o lado profissional. Eu queria entrar em alguns centros comunitários que eram da prefeitura na época, mas eles queriam algo legalizado. Eu não tinha documento pra entrar. Perguntavam-me: “Tu é professor de capoeira? Onde estão teus documentos, tem algum papel?”; e não tinha nada. Aí fui para Santa Catarina pedir orientação para o Mestre Monsueto, que naquela época já tinha feito trabalho e foi dar aula em Sombrio. E o Mestre Monsueto me disse que eu tinha que registrar um grupo. Eu nem imaginava como. Foi o primeiro grupo, uma das primeiras associações de capoeira angola, um dos primeiros grupos de capoeira do estado. E aquela burocracia toda que eu não sabia como. Fomos lá pra Guaíba que era mais fácil, e lá conseguimos registrar o grupo.¹⁷ Fomos à prefeitura, mostramos que tinha documentos e começamos a prestar trabalho para a prefeitura. O primeiro serviço comunitário foi no CECOBÍ,¹⁸ depois

17 Associação de Capoeira Zumbi do Palmares.

18 Centro de Comunidade do Bairro Ipiranga.

pegamos o CECOFLOR¹⁹ e começamos a prestar serviço a eles. Cobramos uma taxinha, uma mensalidade, dava um pouco para pagar a luz e o resto era do Grupo. Com esse dinheiro começamos a nos organizar, compramos abadá de malha, porque nós fazia de saquinho. Nossos primeiros abadás eram feitos de saquinho de algodão. Comprava no Mercado Público saquinhos de algodão e fazia um abadá meia-canela e uma bata, e não era camiseta, era bata mesmo. Tem até fotografia do nosso abadá, era abadá mesmo. Hoje em dia o pessoal usa um abrigo e diz que é abadá. O abadá era meia-canela, bem folgado e uma camiseta estilo bata. Depois começamos a comprar malha. Era bem caro, me lembro. E para diferenciar dos outros grupos, nosso abadá era branco e tinha uma listra vermelha. E nós jogava sem camisa, pés descalços e abadá; abolimos a camiseta por um tempo, para sermos diferentes. Estávamos testando tudo para depois saber que capoeira é sem camisa. Depois de um tempo começamos a usar abadá listrado vermelho e branco. Tem umas fotos dos abadás meia-canela, sem camisa.

No primeiro Jamboree no Parque Saint Hilaire,²⁰ fizemos uma apresentação lá no encontro dos escoteiros. Tinha escoteiros de todo o mundo, fizemos uma apresentação pra eles com abadá vermelho e branco. Todos de abadá vermelho e branco. Isso se tornou uma espécie de um grupo show. Naquela época nós fazia samba de roda, maculelê. E naquela época, nós, piás, fazia maculelê de facão na rua. Então apresentava em escolas de samba, em centros comunitários. Entrava um dinheirinho, tinha um pessoal que pagava, mas a maioria não pagava – sendo que as nossas rodas de rua eram sempre cobradas – a tradição de outros estados, onde “corria o pandeiro”. Nós fazia isso mesmo e com esse dinheiro o pessoal comprava a passagem para voltar pra casa e fazia lanche. Comprava refrigerante, andava naqueles brinquedos ali na Redenção, tudo com dinheiro da roda de rua. O pessoal jogava dinheiro mesmo na roda. E fazia acrobacias, naquela época nós fazia o jogo “apanha laranja no chão” e “tico-tico”, que empolgava o pessoal. Nós seguramos por muito tempo essa tradição de jogo de apanhar laranja no chão. Era um jogo que tinha que se jogar com grande agilidade e tentar apanhar o dinheiro com a boca. Só que nós amarrava com um lenço, fechava o lenço e aquele que pegava fingia que era daquele, mas no fim era dividido entre todos. Eu era muito bom nesse

19 Centro de Comunidade da Vila Floresta.

20 Encontro internacional de escoteiros realizado em Porto Alegre.

jogo; o Juarez, o Barceleni era bom nesse tipo de jogo. Praticamos por um bom tempo esse jogo. Com o tempo fomos amadurecendo um pouco mais e fomos pesquisando e nos enturmando com a diretoria de centros comunitários, que nos perguntaram por que nós não fazia um convênio com a prefeitura, para dar aula pela prefeitura mesmo. Mas nós não tinha cabeça pra fazer essas coisas burocraticamente. Aí um senhor até nos ajudou, nos apresentou para o diretor. Marcamos uma reunião na prefeitura. Nos disseram então que fariam um convênio, pagariam uma quantia mensal para a associação que presta serviço para a prefeitura. Ficamos felizes da vida. E o dinheiro era bom, tenho os comprovantes da época. No princípio eu puxava a aula, mais uns dois ou três. E era muita coisa. E não era formado em capoeira ainda, era apenas capoeirista. Então eu disse que tinha um negócio pra nós começarmos a ganhar dinheiro, começar a dar aula, para todos os meses ter um dinheirinho garantido.

O nosso problema era a estrutura. Sempre quando eu dei aula de capoeira tinha a “ginástica”, o aquecimento. O meu mestre dava aula – era uma hora e meia de aula –, era meia hora de aquecimento, alongamento. Era como na academia, naquela época a ginástica era puxada. Naquela época até recebi uma carteirinha com o negócio de educação física. As academias eram vinculadas com o pugilismo, o pugilismo era vinculado com o CMD.²¹ Eu dava tanta ginástica que só o pessoal que fazia para falar mesmo. Eu queria deixar eles preparados. Inclusive, sem muita formação em ginástica, tinha muitas meninas no nosso grupo. E eu dava muito apoio – as gurias eram muito novas, estavam em fase de formação. Sendo que encontrei uma das gurias, ficaram com os braços meio grandes, exagerados. Eram 30, 40, 50 apoios, era radical. Era novo ainda, não entendia o porquê, tinha que ficar bom e pronto – meio militar, o negócio. E alongamento era feito na marra, não tinha orientação. Eu comprava uns livros, ia nesses sebos e comprava alguns livros de educação física. Até nessa época peguei um material bom, li muito sobre educação física, na marra. E lia os alongamentos, eu queria pegar preparação, antes da capoeira eu queria preparar o pessoal. Eu mesmo fazia muita ginástica no início. Sei que o nosso pessoal era o mais flexível. Ponte, tinha alguns que corriam na ponte. Faziam aquela ponte e corriam para direita, para esquerda, de frente, de costas. A maioria deles tinha espacato total, mas era tudo na

21 Conselho Municipal de Desporto.

marra. Até hoje eu me pergunto como eu fazia aquilo. Hoje eu não faço, o pessoal reclama um pouquinho, já para; naquela época gritavam, choravam, podia espedaçar e gritar. Ou eu dizia para sair do grupo, mas ninguém queria parar. As mães mandavam parar, os guris fugiam e vinham para cá, não largavam a capoeira. E puxava naqueles treinamentos, subia uns morros. Tinha umas mochilas, colocava um paralelepípedo nas costas e nós ia subir morro acima pra criar resistência nas pernas. Nem o quartel fazia aquele negócio de subir morro correndo com aquela mochila e aquela pedra nas costas. E subia, descia, o pessoal daquela época sabe o que era aquilo. Tinha que estar preparado, porque havia boatos de que outros mestres iam se reunir para nos pegar. Sempre tinha a informação de que os mestres estavam se reunindo e iam acabar com a nossa roda de capoeira e nos quebrar a pau. E nós, bem gurizão, nos perguntava se aquilo ia mesmo acontecer. E naquela época tinha muito aqueles filmes de *kung fu*. E a gente gostava de ver aquilo ali, aqueles japoneses lutando na academia e quebravam tudo. E nós ficava naquela paranoia se os caras iam mesmo lá nos pegar. E era só fofoca, mas mesmo assim foi bom que nós ficamos treinando.

Maculelê então, às vezes saía gente com o dedo machucado. E maculelê é uma dança e nós treinava como defesa pessoal, a gente não tinha noção do que estava fazendo. E o exagero no tamanho dos paus de maculelê que nós treinava, e a madeira mais dura que tinha: o cambuí, treinava com cambuí. Pau de berimbau também, tinha que ver a grossura do berimbau, tudo feito de cambuí também. Então já fazia aqueles berimbaus todos com segundas intenções. Ia para as rodas de capoeira com uma bolsa de pau de cambuí, fora os facões que iam junto. Os facões bem guardados, até hoje eu tenho um daqueles facões guardados lá em casa, facão de três listras. Não tocavam nada os berimbaus, mas era tudo com segundas intenções. Mandava alguém ficar cuidando qualquer movimento estranho. Às vezes chegava algum gurizão de outro grupo, eles que traziam a informação de que os outros mestres estavam chegando. Mas eles vinham só fazer fofoca mesmo. “Os mestres estão chegando aí, tchê!” – e nós encucado com aquilo. Mas era só fofoca. Só que nós entrava naquela de que era verdade e ficava todo mundo tenso naquele dia. Ficava jogando e olhando por cima, cuidando, e não vinha ninguém. E a nossa roda de capoeira começava às 14 horas, ia até às 19 horas dando pernada no escuro, tem fotos. E roda boa! Naquela época eram três berimbaus, o atabaque, pandeiro e todo mundo tinha que cantar, era muito puxado. Ai

de quem não cantasse, ficava suspenso. “Tu não cantaste semana passada, não bateu palma.”

ED – Em que época era isso?

JS – Era 1978. Eu comecei em 1972 e treinei até 1976, depois daí eu toquei o barco para frente. Em 1979 mais ou menos, era a época em que o negócio estava meio tenso.

ED – A sua capoeira começou com o Mestre Cal? Em que ano?

JS – Sim. Em 1972 comecei com o Mestre Cal. Aí treinei com ele até 1976, quando foi meu batizado, tem a fotografia e a data direitinho. Aí peguei minha graduação e fui fazer meu trabalho, fiz minha história. Eu fiquei com mestre, mas sem mestre. O mestre parou e eu continuei tocando a capoeira, levei a capoeira dele para frente, por gostar de capoeira. Depois, com o tempo, estava dando aula em centros comunitários, então nós começamos a nos organizar melhor, chegar bem mais organizado nas rodas de rua. Aí começou o pessoal de outros grupos a participar. A maioria dos grupos fez estágio nessas rodas, não tinha o Brique ainda, era lá no meio da Redenção, não existia aquela feira de artesanato lá do Brique da Redenção. Nós fazia roda ali e lá no Parque Marinha do Brasil. E na vila Bom Jesus e nos bairros. E lá no Centro George Black, na Medianeira. E as festas. Festa de Navegantes, carnaval, lá estava. Onde tinha uma festa nós estava. [...]

Fui buscar conhecimento no Rio de Janeiro. Encontrei vários mestres lá, eu era o líder do meu grupo, fui atrás do conhecimento. Lá conheci Mestre Roque, Mestre Touro, da Penha, Mestre Dentinho, foram os mestres que eu treinei lá. Isso eu treinei mesmo. Depois treinei com o Cláudio Caixote, aluno de Mestre Roque, um cara muito bom de capoeira. Depois comecei a frequentar as rodas de rua do Rio de Janeiro. As rodas de beira de praia, que eram as mais fortes do Rio. A roda do Aterro do Flamengo, inclusive a imprensa gastou página sobre aquela roda. Tinha o Hospital Souza Aguiar ali no centro do Rio de Janeiro e todo final de semana ia alguém para o hospital por causa da pancadaria na roda de capoeira. Capoeira braba ali, sempre um nocauteado, um quebrado. Terminaram por proibir a roda, depois voltou. De manhã era no Aterro do Flamengo; de tarde, perto do meio-dia, ia pra feira dos paraíba, a Feira de São Cristóvão. Ali tinha um coreto e a roda era muito boa, roda boa

mesmo. Depois de São Cristóvão – lá pelas 16, 17 horas terminava a Feira de São Cristóvão –, ia pra Quinta da Boa Vista. Tinha outra roda lá, outra turma, então eram três rodas por dia. Era o dia inteiro jogando capoeira. Às vezes ainda tinha em Niterói, pegava o *ferryboat*, que era o barco que ia pra lá, e tinha uma capoeira muito boa em Niterói. Em Duque de Caxias tinha outra roda, pegava o trem na Central do Brasil e ia lá para a Baixada Fluminense, era terrível, tinha o tal de Esquadrão da Morte, não era qualquer um que descia pra Baixada Fluminense. Eu até ficava com medo, eu dizia que ia pra Baixada Fluminense e me diziam: “Tu tá louco, Negão!” – mas os caras me convidavam e tinha uma roda boa lá. Outra roda muito braba, muito forte, era a roda na Central do Brasil. Tinha aqueles capoeiristas de periferia, descia do morro mesmo, estivadores. O cara tinha uma estrutura física muito boa naquela época. Era o pessoal operário, pessoal da construção civil, pessoal acostumado a tomar banho de mar todos os dias, todos com uma compleição física muito boa e atlética. Eu vejo a diferença do pessoal, hoje estão mais fortes, mas mais duros. Antigamente eram fortes, mas eram flexíveis, capoeira bonita. Hoje o pessoal está mais forte, mas a capoeira parece que ficou mais feia, perdeu a elegância, a técnica, mudou muito, não tem mais capoeiristas bons agora, a maioria está muito mecânico. Fiquei lá um ano pouco, no Rio.

ED – Isso foi mais ou menos em que ano?

JS – Acho que era em 1979. Voltei para o Rio Grande do Sul, trabalhei no meu grupo. Aí trouxe uns conhecimentos novos pra eles. Eu cheguei de lá com um estilo, naquela época tinha um grupo no Rio de Janeiro chamado Grupo Senzala. Essa capoeira que o pessoal joga hoje, palmeando e virando, eu peguei as manhas lá de palmear. Dava o martelo, palmeava e virava. Cheguei com esses movimentos de lá. E me diziam: “Ah negão, tá cheio de judô nessa tua capoeira agora”, porque a nossa capoeira era muito solta aqui. E eu comecei a palmear aqui, começaram a me criticar. Mas era coisa que no Rio de Janeiro, tempo do Camisa, do Peixinho, eu me entrosei um tempo com eles lá e peguei essa manha. Aí vim de lá com esses movimentos, palmeando e virando, mas era o que estava rolando na época. Foi depois de muito tempo o Miguel²² veio para cá com esses movimentos, aí o pessoal viu que os movimentos eram de

22 Miguel Machado.

verdade mesmo, mas antes eu já fazia. Nossa capoeira era muito bonita, era solta, acrobática, rápida e rasteira. A capoeira na época era acrobática, rasteira e não era lenta embaixo, era ligeira. Jogo rápido, rasteiro e bonito. Depois de um tempo vieram os caras de pé e ligeiros. Outros grupos eram de pé e ligeiros e sem acrobacia. O pessoal da época era capoeira de pé, em cima, rápida e sem acrobacia. A nossa capoeira era embaixo, rápida e com acrobacia. Depois o contraste deu quando eu cheguei lá na Bahia, onde me disseram que a capoeira tinha que ser bem lenta. Descobri depois que alguns grupos são lentos, não era o padrão – tem que ser assim e pronto. Deu muita confusão, cada um dizia uma coisa, cada mestre dizia uma coisa, mas eu vi depois que vinha de escola. Na escola tal o cara aprendeu assim e queria que fosse. E eu mantive muito tempo, até hoje ainda tenho aluno que mantém aquela capoeira antiga, que ficou com aquele estilo e não mudou e joga muito bem, consegue jogar com qualquer um. E o nosso estilo jogava com qualquer um, era o guerreiro da capoeira. Na nossa roda sempre dava uns nocautezinhos no final de semana. Todo os domingos sempre saía alguém nocauteado porque o “pé vinha”, era muito contragolpe. Nós soltava o pé mesmo, não parava o pé. E a nossa acrobacia era toda objetiva, nós dava um “macaquinho”, e não era pra trás, era em direção ao outro. O dobrado, chibata, esses movimentos, todos ofensivos mesmo. Até o próprio pião de mão nosso era um pião ofensivo. Agora que nós trabalhamos com capoeira educação, nós tiramos toda essa parte agressiva, essa nossa parte que nós tinha de característica de luta. Porque vai ensinar para uma criança em uma instituição, não pode passar nada disso aí. Se tocou lá já dá um problema. Naquela época era por sua conta e risco. Nós chegava em casa quebrados, as mães não davam a mínima. Ficava alguns dias sem treinar, depois voltava. Hoje não, um aluno chega machucado em casa dá problema, problema até com o Conselho Tutelar. Naquela época não tinha Conselho Tutelar, não tinha nada, era “salve-se quem puder”.

Fomos presos por causa de capoeira, perto da década de 1970, ainda tinha os milicos na rua, aquela coisa do regime militar. E não podia fazer muita aglomeração de coisas estranhas. Eles não sabiam o que era a capoeira na época, não tinha a mídia, a capoeira não era divulgada. Eles ficavam se perguntando: “Quem são aqueles caras com aqueles negócios na mão, aqueles pedaços de pau?”. Nós tentamos fazer uma roda ali na Praça XV, não tinha aquele negócio da avenida do mercadão ali, então era dentro da praça. Fizemos uma roda ali uma vez de manhã no Parque Marinha, depois subimos na Borges e decidimos fazer uma roda na Praça XV. E nós “dê-lhe pernada” na

Praça XV, quando vê – naquela época eram aqueles camburões de veraneio e os fusquinhas –, pararam ali na frente e perguntaram: “O que vocês estão fazendo aí?”; e nós: “Estamos jogando capoeira”; e eles: “Que capoeira?”; e eles não sabiam o que era, nem o comandante sabia, até explicar o que era para ele. E saiu nos prendendo. Na hora de nos colocar atrás da veraneio, era pequenininho, cabiam só duas pessoas e nós estava em mais de dez pessoas, e tinham que nos colocar ali.

E estava na moda naquela época as lutas japonesas e tinha um pessoal ali em volta que disse que aquilo era coisa nossa e era preciso valorizar, e se fosse japonês não iriam prender, que nós não estava fazendo nada de mal. E aí nos soltaram e mandaram não fazermos mais, que era proibido. E nós nem demos atenção. Pararam muitas rodas de rua nossas e a polícia estava sempre cuidando. Até na Redenção, sempre tinha alguém cuidando as nossas atividades capoeirísticas. Quando eu comecei, me falaram para não fazer capoeira, porque era coisa proibida. Então eu saí pra pesquisar, fui num sebo desses e comprei um Código Penal, mas não me toquei e comprei um antigo. Aí eu olhei ali em capoeira e vi que era proibido, então eu falei: “Bah, onde que eu fui me meter?” – só que depois eu fui ver que era antigo, mas estava ali que era proibido. Depois, pesquisando mais um pouco, eu vi que tinha sido proibido na época, porque depois o presidente Getúlio Vargas foi lá e derrubou essa lei da proibição. Mas como a informação chegou muito tarde aqui no Rio Grande do Sul, a maioria do pessoal antigo tinha a capoeira como uma coisa proibida. Até hoje eu vou para interior e tem gente que não sabe o que é a capoeira ainda, mesmo hoje em dia tendo *internet*, tendo de tudo. Foi bom que eu pesquisei muito, o que teve a maior biblioteca de material capoeirístico fui eu.

Depois eu inventei a me converter e colocaram na minha cabeça que era tudo coisa ruim aquilo ali, e eu coloquei fogo na minha biblioteca. Me arrependo até hoje. Coloquei fogo no meu material! Como eu deixei os caras fazerem essa lavagem na minha cabeça? Tinha muitos livros, comprava livros mesmo. E tinha material bom. Mas depois recuperei e montei outra biblioteca. Depois eu percebi e disse para mim mesmo que eles tinham me enrolado e que não tinha nada de errado nos meus livros. É que eles não conheciam e o fanatismo religioso deles... E pronto, montei outra biblioteca, estudei bastante. Meu mestre sempre me incentivou: “Para saber capoeira tu tens que ler muito”. Estudei na Biblioteca Municipal de Porto Alegre, pesquisei na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um bom tempo, na Biblioteca de São

Paulo, depois fui à Biblioteca da Bahia. Trouxe muito material, reportagens de jornal. Pesquisei muito, tradição oral dos mestres antigos no interior, fui à Bahia, conversei com um, com outro. Sempre buscando conhecimento, porque a capoeira é assim, ela tem um saber diferente, várias linhagens. E cada mestre tem alguma coisa diferente, vai para o interior da Bahia tem uma coisa, vai a Salvador tem outro assunto.

Como o maculelê, gosto muito dele. Me dediquei mais à capoeira na parte do toque e do canto, a parte que eu gosto muito. Porque o que move o capoeirista, até antes da roda de capoeira, é a parte musical. O ritmo do berimbau influencia sobre o capoeirista e ali ele se transforma de acordo com a musicalidade. Tem alguns capoeiristas que têm a sensibilidade de transmitir essa energia através de um berimbau bem-tocado e um canto apropriado. E eu via rodas lá na Bahia que a bateria arrepia mesmo. Isso aí me influenciou muito e eu tive essa capacidade. Até hoje mesmo tem berimbaus diferentes capazes de mexer com certas estruturas da pessoa junto à roda completamente diferentes, estrutura sutil o cara tem. O canto, também, hoje muita gente não canta coisa com coisa. Antigamente para criar uma música de capoeira tinha que ter conhecimento, tinha que cantar ela dentro de um sentido, era um diálogo sobre o que estava acontecendo na roda. Então tu tinha que comunicar todo acontecimento da roda através do canto, desde o comportamento de alguns capoeiristas, o público que estava olhando, o que estava acontecendo até atrás da roda, quem estava chegando. Tinha muitos desses códigos. Nós era muito reprimido, então eu sempre avisava o pessoal pra ter cuidado com o que estava sendo cantado, se eu tivesse cantando algo que era para alertar, era para se alertar, respeitar muito a comunicação do canto. Hoje o pessoal tá ouvindo só o barulho do berimbau e não sabe mais captar a letra de uma música. Nós selecionava muito as nossas cantigas. Respeitava os toques do berimbau, como a cavalaria: “Toca pra bater!” ou para debandar. Cavalaria para nós era toque de aviso, que estava chegando um estranho. Naquela época não tinha polícia para prender, mas tinha capoeiristas de outros grupos e nós tocava e nos entendia. Hoje toca a cavalaria e é a mesma coisa – acontece que não tem problemas, mas naquela época tinha; então tinha objetivo nós tocarmos a cavalaria. A Iúna²³ nós respeitava, quando tocava nós sabia que ia jogar um graduado. Não se tocava mesmo, era só acrobacia a nossa Iúna. Nós

23 Jogo de capoeira acompanhado do toque do berimbau.

não era profissionais, mas respeitava bem as regras. Saída certinha no pé do berimbau, volta ao mundo. A chamada era o nome do nosso primeiro grupo. Muitos perguntavam: “Esses caras ficam de braços abertos no meio da roda, que é isso?” – eu não entendia por que parar no meio da roda e abrir os braços, o que aquilo tinha a ver.

Benguela, jogo de faca. Esses nós não levava para rua, mas nós treinava lá na Bom Jesus direto. Treinava muita faca mesmo, navalha, treinei muito tempo navalha. Tudo por uma questão de precaução, porque nós imaginava que um dia os caras podiam nos pegar de navalha, então nós estava nos prevenindo. Arrumamos alguns conflitos com capoeiristas de outros grupos, de outros lugares, mas foram devido às fofocas. Certa vez estava fazendo uma roda lá na Ponte de Pedra, uma roda forte, no carnaval. Estava todo o meu bairro lá, uma escola de samba inteira. E nós estava de roupa civil, um vestido de um jeito, outro de outro jeito. Então estava uma roda carnavalesca, um com fantasia de mulher, outro com roupa de mulher, um na bateria com roupa de gato, uma roda estranha. E ao redor da roda um monte de gente fantasiada também, era carnaval. De repente entra ali um cidadão chutando, mas chutando forte, um capoeirista bom, influenciado por outro aluno que levou, arrastou ele para lá, com a intenção de acabar com a nossa roda. E veio. Deu uma correria, uma pauleira. E um daqueles cidadãos não sabia para que lado corria, correu para lado do Monumento dos Açorianos, ele não conhecia Porto Alegre, queria subir a Borges correndo. Aí no outro lado tinha um pessoal pra dar a mão pra eles subirem, eram todos capoeiristas. E o outro foi lá para o lado do fusquinha²⁴, até a altura da polícia. Ele chegou lá e disse: “Aqueles lá querem me pegar!” – mas aqueles lá, quem? Era uma escola de samba. E essas confusões. No bairro Navegantes também, umas brigas fortes por lá. Era uma capoeira que na época estava começando, e nós não tinha uma estrutura mental organizada pra esse tipo de coisa, uma mente adolescente e ainda voltada pras aventuras. Arrumamos problemas. Com o tempo começamos a nos estruturar como grupo mesmo, pensar em entrar em escola, evoluir mais o trabalho. Começou a entrar mais gente, pessoal com certo grau social mais elevado, pegamos um pessoal já universitário, aí pegamos um que começou a trazer um conhecimento universitário para o grupo. Já começamos a seguir um pouco de orientação. Tinha um aluno nosso, o Caio Fernando, que fez faculdade de

24 Referência ao carro da polícia, modelo Volkswagen Fusca.

educação física. Foi um dos primeiros capoeiristas a se formar em educação física. Trazia muito conhecimento para o grupo na área de educação física e esporte. E a gente começou a se organizar, fazia bastante reuniões, fizemos o estatuto do nosso grupo, porque nós tinha gente de vários lugares.

Era assim, uma vez por mês todo o pessoal do grupo tinha que treinar lá na Bom Jesus, lá onde era o nosso “quartel”. Tinha gente de vários lugares, pessoal de outros grupos também ia lá conhecer, de curiosidade. Como não tinha capoeira de rua, o pessoal ia lá. E naquela época podia entrar na favela que não tinha problema, até hoje – as pessoas falam que vão entrar na favela e vão morrer; isso aí é tudo a mídia que faz, essa conversa, e não tem nada disso. E o pessoal ia lá jogar uma capoeira, saía tarde da noite. Tem capoeirista de classe média que ia lá às vezes, saía de lá às 11 horas da noite sozinho e pegava o ônibus. Hoje o pessoal acha que é diferente e que mudou. Mas nós era respeitados. Até hoje, se tu entrar numa periferia com um berimbau, qualquer lugar, sabem que é capoeirista e deixam passar. E a capoeira rolava mesmo até pouco tempo. [...] Eu sou um dos únicos capoeiristas que dou treinamento na capoeira, se chama “capoeira na capoeira”. A gente passa o dia inteiro no mato, treinando capoeira dentro do mato, em lugares que não tem trilha, em cima de árvore, é um treinamento totalmente diferente. Ali eu dou um treinamento sobre plantas medicinais, ensino sobre plantas medicinais e alguma coisa assim, sobre algumas plantas que tem no mato, conhecimento de cipó, minha área é essa aí. E é um treinamento diferente daquele negócio da academia, é uma coisa bem diferente, bem ecológico mesmo. Eu sempre procurei fazer algo diferente do que estão fazendo agora. Hoje a capoeira está padronizada, todos fazendo a mesma coisa. A capoeira é muito criativa, tem como fazer muitas coisas dentro dela, sem sair dos fundamentos. Então, desde a parte dos instrumentos musicais, com movimentos, e no treinamento, eu saí um pouco dessa realidade comum que todo mundo vem fazendo. Eu venho fazendo um pouco diferente, de acordo com o meu conhecimento, com a minha cultura capoeirística, minha vivência de mundo, a minha experiência, eu fiz uma coisa minha mesmo, como outros estão fazendo – que nem o outro lá, que criou o tal de “capo-jitsu”, o Dinho.

Eu ainda criei outras coisas, mas dentro do mato, mesmo. Eu gosto de estar no meio da natureza. [...] Hoje eu trabalho em projetos sociais, trabalho com a criançada, é uma turminha boa, mas são todos piás, então passo uma capoeira bem cultural para eles e com uma visão de ética para o futuro, passo bem a questão ecológica, do meio ambiente. Passo também um pouco da questão

da religiosidade, como eu trabalho com freiras e eu faço teologia, e antes de fazer teologia eu sempre gostei de lidar com essas questões religiosas. Então eu tiro o que as religiões têm de bom. Eu conheço muita religião. Na Bahia eu conheci até mesquita. Só que eu não fixo em nenhuma, acredito em Deus. Mas conheço um pouco de cada coisa, continuo conhecendo, continuo pesquisando. Dentro da minha capoeira tem um pouco de religiosidade, mas é individual. Baixo o pé no berimbau, eu penso numa força positiva pra me ajudar na roda, não que eu vou invocar nada. Antigamente eu pensava: “Bah, agora vou baixar na roda de capoeira...”, porque muitos pensam que na capoeira vai baixar algum santo, mas não baixa nada. A maioria do pessoal de fora, que é leigo, acha que a capoeira é coisa de religião. Até tive esse problema, muitos achavam que a capoeira era candomblé, porque veio da Bahia. Fiquei dois anos na Bahia pesquisando capoeira e religião e não tem nenhuma ligação direta, tem uma ligação indireta. Há algum capoeirista que é pai de santo, outro que é filho de santo, lá no candomblé. Agora tem a capoeira crente, que baixa lá no pé do berimbau e faz um monte de oração, tem a capoeira católica que faz o sinal da cruz. Então a capoeira tem essa religiosidade. Agora já tem a capoeira lá do indiano. Ele vai ali e vai buscar a energia dele. A capoeira tem uma democracia de religião dentro dela, cada um tem a sua e transforma num campo energético muito forte. Ali tem a música, uma música estranha que o berimbau aponta para cima, é o arco musical, uma ponta está apontando para terra e a outra para o céu. E se for descrever a trajetória dele circular, que faz toda uma volta que vem da terra, passa pelo céu e volta e termina, mas é uma trajetória invisível. E ali dentro da roda há outro círculo também, um na vertical e outro na horizontal, que é o círculo humano dos capoeiristas. Aquela corrente que está um crente, um batuqueiro, um católico, um ateu que não crê em nada, todos numa mesma energia. Os tocadores de música ali, pandeiro, atabaque, reco-reco, caxixi. Então, na realidade uma roda de capoeira não é algo comum não, só que a capoeira ainda está em pesquisa, tem muita gente pesquisando. [...]

ED – Qual foi o momento mais marcante para ti na capoeira?

JS – O momento mais marcante pra mim foi o reencontro com o meu mestre, há uns três anos atrás. Acho que fazia uns 20 anos que eu não via o meu mestre. E há uma semana direto eu vinha sonhando com o meu mestre, pensando

nele, mas não imaginava que ia encontrar o meu mestre, o mestre sumiu. E alguém me falou: “Bah, mestre, vai ter um evento aqui e eu gostaria que o senhor viesse, vai ter uma palestra aqui, e vai ter uma surpresa”. Mas eu nunca imaginava que a surpresa ia ser o meu mestre. Quando cheguei e olhei: “Não é que é o mestre mesmo?” – ali foi algo, e eu estava louco para ver ele novamente. E os alunos dele da época, o único que conseguiu dar continuidade fui eu. Ouvi boatos agora que tem outro aluno dele em São Paulo, que começou na mesma época, mas não tenho confirmado certo. Daquela turma que começou, quem conseguiu ter alunos sou eu. Foi o momento mais marcante. [...]

ED – E mestre, quais foram as dificuldades encontradas no início da capoeira?

JS – As dificuldades primeiras foram as econômicas, porque eu tinha que estudar, trabalhar e ajudar minha família. Eu tinha que ajudar a mãe, ela estava passando por uns problemas; como eu era o filho mais velho, tinha que botar dinheiro na casa. Eu trabalhava pra caramba. Estudava de manhã, saía do colégio, pegava minha caixinha de engraxate e ia para o centro e trabalhava, arrumava um dinheiro até às cinco horas da tarde. Vinha para casa, fazia os temas, e ia à aula de capoeira. Ia lá até às dez horas da noite, e eu sempre pensando na sobrevivência, pensando que naquela época capoeira não dava dinheiro. E ficava pensando no que eu seria no futuro, eu gostava de capoeira, mas nunca imaginava que eu iria trabalhar com evento de capoeira. O pessoal ficava dizendo que aquilo era briga, confusão. Me diziam pra largar a capoeira e ir trabalhar numa obra. E eu acreditando, mas nunca pensando que um dia ia me render. Mas como eu sempre tive que trabalhar, fiz curso de sapateiro. Tentei montar uma sapataria, comprei um maquinário de sapataria, gastei um dinheirão, montei uma sapataria pequena. Mas não me adaptei, era num bairro pobre, então o pessoal não botava os sapatos lá pra consertar. Aí eu fiz um curso de marcenaria, na metade do curso fui trabalhar como ajudante de marceneiro. Fui trabalhar numa marcenaria, uma poeirada de madeira no ar, trabalhando numa serra, um negócio perigoso, teve até um ajudante que cortou o dedo. Trabalhei pouco tempo e me mandei. Eu tinha feito naquela época – fui para o Rio de Janeiro – um curso de pedreiro, construção de alvenaria. Fui trabalhar na construção civil, de ajudante de pedreiro. Daí não me dei bem lá também, muitos problemas e larguei. Daí eu estava com aquela ideia de querer ficar forte, fui trabalhar na estiva... Carretas e carretas de sacos de 50 e 60 kg. A maioria do pessoal que pegava ali de manhã não conseguia

trabalhar até às dez horas. Aquela fila de carretas só com sacos de 50 e 60 kg. Começava às 8 da manhã e parava ao meio-dia, começava à uma da tarde e parava às quatro pro lanche e depois só às seis horas da tarde. E às vezes tinha carreta pra descarregar que não podia voltar, tinha hora extra até às dez horas da noite, sempre tinha que ficar alguém lá. E sempre sobrava para mim e para outros lá. Nossa, como trabalhei, como fiz força na minha vida. Aí depois larguei de mão a estiva. Depois pensei e decidi começar a dar aula de capoeira. Comecei no centro comunitário, me apresentei como professor de capoeira, mas sem papel, sem nada – até então não tinha o papel me indicando como professor. Arrumei em alguns centros comunitários, lá em Viamão, bairro Sarandi, Alvorada, e aí começou a aparecer alguns alunos.

ED – Mestre, chegamos ao fim do nosso tempo, mas eu agradeço muito a sua fala.

Resumo: João Batista Cléber Teixeira Santos (Mestre Churrasco) é um dos pioneiros da capoeira no Rio Grande do Sul. Nascido e criado na região de Porto Alegre conhecida como Colônia Africana, trabalhou como engraxate, sapateiro, marceneiro e estivador. Na década de 1970 conheceu a capoeira e desde então construiu sua trajetória como praticante, professor, mestre e pesquisador autodidata. Ao narrar sua formação e história, Mestre Churrasco fornece indícios sobre os primórdios da capoeira no estado, além de evidenciar a importância da oralidade para a história da capoeira.

Palavras-chave: capoeira, oralidade, história de vida.

Capoeira in Rio Grande do Sul and orality: the narrative of a master

Abstract: João Batista Cléber Teixeira Santos (Mestre Churrasco) is one of the pioneers of *capoeira* in Rio Grande do Sul. He was born and raised in Porto Alegre known as African Colony. He worked as a shoemaker, shoe-repairman, carpenter and stevedore. In the 1970s, he came to know about capoeira and then started his trajectory as a practitioner, instructor, master and self-taught researcher. By narrating his training and career, Mestre Churrasco provides information about the early days of *capoeira* in Rio Grande do Sul and shows that the history of *capoeira* has been marked by orality.

Keywords: capoeira, orality, storie of life.

Recebido em 10/01/2013

Aprovado em 23/04/2013